

Um olhar particular sobre a Arte e a Cultura no IF Fluminense

A particular look on Art and Culture at IF Fluminense

Kátia Macabu de Sousa Soares*

Este relato de experiências tem o intuito de registrar e analisar trabalhos vinculados à Arte e Cultura realizados no Instituto Federal Fluminense (IFF), no período de 2008 a 2011, para que possa ser verificada a presença dessa área do conhecimento após a transformação do CEFET Campos para o IFF. O envolvimento de estudantes, professores e técnicos administrativos do próprio Instituto, e de diretores, professores e alunos de escolas estaduais fizeram, desses trabalhos, espaços de ampliação de conhecimento artístico e cultural. Com eles, tive a oportunidade de compartilhar saberes e fazeres com todos os envolvidos, de intercambiar conhecimentos na área de gestão e produção cultural e de reconhecer na prática docente e no histórico profissional, o caminho para evidenciar a importância fundante da Arte e da Cultura no ambiente escolar como área de conhecimento e não, simplesmente, como instrumento de educação ou apêndice dentre as atividades desenvolvidas na escola.

Palavras-chave: Educação. Arte. Cultura. Projetos. Conhecimento.

This study aimed at observing, registering and analyzing works linked to Art and Culture made at Instituto Federal Fluminense (IFF), from 2008 to 2011, so that their presence can be observed during the institutional transition from CEFET Campos to IFF. Commitment of students, teachers, principals, and administrative staff, both from IFF and state schools turned these works into a path to artistic and cultural knowledge expansion. With this group of people, I had the opportunity of sharing knowledge and know-how, as well as to exchange experience in the fields of cultural production and management. This led me to acknowledge, in my teaching practice and career, the way to highlight the founding importance of Art and Culture in the school environment as an area of knowledge, and not simply as an educational instrument or side subject among other school activities..

Key words: Education. Art. Culture. Projects. Knowledge.

Introdução

Para a elaboração deste trabalho sobre a realidade vivenciada por mim e meus alunos no Instituto Federal Fluminense – IFF- em Campos dos Goytacazes, fiz algumas digressões na minha própria história de vida profissional e acadêmica, consultei guardados no íntimo das recordações, mas também busquei apontar com as práticas docente e administrativa vivenciadas os teóricos que me auxiliaram na compreensão dessa minha caminhada em busca da melhor forma de encantar aqueles que de alguma forma se depararam comigo nessa busca incessante em proporcionar encontros significativos da Educação com a Arte e a Cultura. Várias fontes, especialmente a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - IFF - Campos dos Goytacazes/RJ - Brasil

Médio (2000), o Plano Nacional de Cultura (2010) e o Plano Nacional de Educação (2011) me ajudaram nesta tarefa. Outras fontes foram também consultadas, tais como: a Recomendação sobre a Participação dos Povos na Vida Cultural (1976), a Recomendação sobre o Status do Artista (1980), os reconhecidos e expressivos textos de Rubem Alves acerca da Educação para os sentidos e outros... (2005), Mata-Machado¹ em seu artigo acerca do Direito à cultura (2011, p.104) e Lia Calabre² com suas reflexões sobre as políticas culturais em nosso país. Com base no que foi analisado nas fontes supracitadas, o tema, um olhar particular sobre a realidade da Arte e Cultura no IFF, será abordado dando-se ênfase ao programa e aos projetos extensionistas e institucionais que pude desenvolver com os alunos, outros servidores e com a comunidade externa, quais sejam: Programa Grupo Nós do Teatro; Projeto Leitura orientada – uma prática comunitária (PROLEITOR); Projeto Radionovela na web: a tecnologia a serviço da arte e Projeto Pensando e produzindo Cultura. Ao final, será feita uma análise sobre a importância do trabalho de Arte e Cultura na perspectiva da Educação dentro de uma instituição centenária e que, há apenas três anos foi transformada em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.

Justificativa

Falar sobre Arte e Cultura na realidade de uma instituição de ensino tecnológico pode gerar um estranhamento à primeira vista, no entanto, todos que já puderam vivenciar os inúmeros projetos desenvolvidos neste *locus*, do qual relato estas experiências, sabem da importância que há nessa relação da aridez dos temas tecnológicos e técnicos com o despertar da sensibilidade humana por meios de ações artísticas e culturais. Faz-se necessário, nesse momento de transição de institucionalidade (CEFET Campos/IFF), tal registro e ao mesmo tempo, uma reflexão dos novos rumos que devem ser trilhados por todos os envolvidos na construção do conhecimento dos atuais e dos futuros alunos dessa instituição. Aparelhar melhor todos os *campi* do IFF no que tange à oferta de Arte e Cultura, capacitar professores e definir coletivamente as políticas culturais dessa instituição são tarefas importantes, e este trabalho vem trazer uma contribuição para o início desse debate.

Referencial teórico

Iniciei a carreira como professora de curso fundamental, ensinando as

¹ Historiador com mestrado em ciência política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é pesquisador da Fundação João Pinheiro (MG) desde 1977. Atualmente ocupa o cargo de coordenador de relações federativas e sociedade da Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura do Brasil.

² Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora e coordenadora do Setor de Estudos de Política Cultural da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

primeiras letras e números, os primeiros conhecimentos científicos para uma turma de alfabetização. Eram trinta e duas crianças ávidas pelo saber e para serem felizes, as únicas nessa faixa etária com as quais trabalhei, mas que muito me ensinaram sobre a vocação que sempre soube ter para o exercício do magistério e sobre os desafios reais de que essa profissão me apresentava diariamente.

Havia aprendido, na formação escolar e no curso de professores que acabara de frequentar, que estudar era “coisa” séria, e que é na escola que devemos suprir os alunos de todas as necessidades da “caixa de ferramentas” de que ele necessitaria por sua vida afora. Como explica Rubem Alves, nela pode-se encontrar: objetos (que com o tempo podem ficar obsoletos); habilidades (como a de construir realidades virtuais) e, ainda, por meio da educação, a “arte de construir ferramentas novas” (ALVES, 2005, p.11), aprendendo a saber pensar.

E foi aquela turma de estreia que me mostrou que a verdadeira educação não deve apenas ensinar a conhecer e a utilizar as ferramentas já existentes dessa caixa, mas também deve ser a arte de pensar, a chave para as ferramentas ainda inexistentes. Indagava-me, constantemente: isto que ensino será utilizado pelo aluno? Estou ensinando essa ferramenta para quê? Em que isso poderá melhorar a vida dos alunos? Ainda não havia descoberto a “caixa de brinquedos”, aquela das “coisas inúteis” (ALVES, 2005, p.11) que, no entanto, nos fazem sorrir.

Ao concluir a graduação em Letras na modalidade Português/Inglês, já lecionava as duas disciplinas para os últimos anos do ensino Fundamental e para o ensino Técnico, oportunidade de conviver com alunos adolescentes e adultos e suas respectivas necessidades. Comecei a lecionar na própria Faculdade de Letras em que estudara. Uma das disciplinas tinha como propósito auxiliar aos futuros professores de Inglês as metodologias de ensino da Língua Inglesa.

Foi uma busca incessante a de encontrar os melhores caminhos para a concretização do processo ensino/aprendizagem e, nela, percebi que a Arte poderia ser uma “ferramenta” metodológica para que também os alunos do último ano de graduação em Letras encontrassem novas formas de motivação para seus futuros alunos. Observei que as culturas inglesa e americana, objetos daquele trabalho, poderiam ser trabalhadas de maneira lúdica, prazerosa. Comecei, então, a utilizar a pesquisa do ambiente cultural da Língua Inglesa e a Arte Teatral nas aulas de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa.

Concluí a especialização em Língua Portuguesa, e durante a elaboração da monografia da segunda especialização, desta feita em Língua Inglesa, fui percorrendo acerca da Arte como instrumento de educação, especialmente do Teatro, com o qual iniciei uma relação de total encantamento e dedicação aos seus preceitos e ensinamentos, pois entendia, àquela época, que a Arte poderia ser um suporte eficaz para o conhecimento concreto de uma Língua, por exemplo. Neste momento já estava trabalhando na Escola Técnica Federal de Campos (ETFC), no Liceu de Humanidades – da rede estadual - e em escolas particulares de Campos dos Goytacazes/RJ. Experiências

diversificadas e descobertas de como poderia utilizar o Teatro como instrumento de educação, por exemplo. Assim criei o projeto “Literatura com prazer” para motivar os alunos de Ensino Médio integrado ao Técnico na ETFC e, a partir dele, foi criado o Grupo Nós do Teatro, composto por alguns alunos de Língua Portuguesa e Literatura com os quais trabalhava naquele ano de 1995. Daí pra diante, a atuação profissional passou a ser feita com a interface Educação e Arte. Por quê? Porque descobri entre erros e acertos, tentativas bem sucedidas e outras nem tanto, que o prazer é que nos alimenta e nos conduz para o que é considerado “sério”, importante e útil no processo ensino/aprendizagem. Iniciei a busca para realizar o exercício do magistério na concepção de Arte como conhecimento, apoiando o trabalho, a partir do ano 2000, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, como parte da área de Linguagens, códigos e suas tecnologias:

(...) a Arte é considerada particularmente pelos aspectos estéticos e comunicacionais. (...) por meio da Arte manifestamos significados, sensibilidades, modos de criação e comunicação sobre o mundo da natureza e da cultura. (PCN, 2000)

Daí haver me dado conta de que o uso da “caixa de brinquedos” (ALVES, 2005, p.11) em meus projetos de Literatura, Teatro, Radionovela e Tecnologia significava estar trabalhando, efetivamente, com conhecimentos adquiridos ao longo da prática docente. Além de ser um caminho menos árduo para o pensar de novas “ferramentas” para a outra caixa, a considerada útil. Percebi que a de “ferramentas” fica mais bem equipada quando a de “brinquedos” se faz presente.

Meus alunos de hoje tem em comum com os primeiros a vontade de conhecer um novo mundo de forma prazerosa. Contudo, a metodologia que fui desenvolvendo, ao longo dos trinta e cinco anos de atuação ininterrupta no magistério, ainda conduz o exercício para novas descobertas.

Paralelo ao fazer de professora, fui desenvolvendo a aptidão de produção, liderança e de comunicação fácil com grupos numerosos, já iniciada na infância em atividades domésticas e sociais das quais participava. Já formada, passei a ser convidada a exercer a função de coordenadora de Língua Portuguesa em algumas escolas e, no período de 1999-2002, estive como coordenadora de educação da regional Norte Fluminense I da rede pública estadual, na administração geral de cerca de 150 escolas de nível fundamental e médio. Na ETFC, voltei a ser coordenadora de Língua Portuguesa, depois, devido ao envolvimento em projetos socioculturais, fui convidada a assumir cargos de coordenadora de extensão, de assuntos comunitários e, por fim, como consequência da dedicação à Educação e à Arte na instituição, agora já denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF, coordenadora de Arte e Cultura, gerenciando as ações artístico culturais desenvolvidas no maior *campus* da instituição, *Campus* Campos Centro.

Registrando um pouco da história do *locus* dos projetos de Arte Educação. É uma instituição centenária, que conta atualmente com cerca de 8 mil alunos, dentre os quase 12 mil em toda a instituição e com cerca de 800 servidores, dentre os 1400 da instituição. Ater-me-ei aos objetivos pedagógicos da época de sua implantação e ao que ela se torna a partir do momento em que é transformada em um *campus* do IFF em 2008.

Historicamente nascida como Escola de Aprendizizes Artífices em 1910, com o propósito de educar e proporcionar oportunidades de trabalho para os jovens das classes menos favorecidas, oferece cinco cursos: Alfaiataria, Marcenaria, Tornearia, Sapataria e Eletricidade, sob a determinação do então presidente da República, Nilo Peçanha, filho de Campos dos Goytacazes/RJ. Doze anos depois, as Escolas de Aprendizizes Artífices de nível primário foram transformadas em Escolas Industriais e Técnicas, equiparando-se às de Ensino Médio e Secundário, devido à crescente industrialização do país, que necessitava de formação de profissionais para suprir as demandas do mercado. Em meados da década de 60, novos cursos são criados na ETFC: Edificações, Eletrotécnica e Mecânica de Máquinas. A partir dos anos 70, a classe média começa a procurar alternativas para a educação de seus filhos e a ETFC oferece também o curso técnico de Química, voltado para a indústria açucareira, uma das bases da economia da cidade naquela época. No ano de 1974, a Petrobras anuncia a descoberta de campos de petróleo no litoral norte do estado, onde está situada a cidade de Campos dos Goytacazes. Esta notícia mudaria os rumos da região e influenciaria diretamente na história da instituição. A escola passa a ser a principal formadora de mão de obra para as empresas que operam na bacia de Campos. No final da década de 90, é transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos – CEFET Campos, e em 1999, começa a oferecer cursos em nível superior de ensino. O desenvolvimento regional passou a delinear o projeto institucional. Em outubro de 2004, sob decreto assinado pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, o CEFET Campos passou a ser Centro Universitário e, além do Ensino Médio e Técnico, oferece cursos superiores de Tecnologia em Automação, Manutenção Industrial, Indústria do Petróleo e Gás, Desenvolvimento de Software e Design Gráfico; as licenciaturas em Geografia, Matemática e Ciências da Natureza nas modalidades: Química, Física e Biologia e o bacharelado em Arquitetura. As pós-graduações *lato sensu*: Educação Ambiental, Produção de Sistemas e Literatura, Memória Cultural e Sociedade e o *strictu sensu* em Engenharia de Meio Ambiente, entre outros em construção.

O CEFET Campos é hoje o IFF a caminho de 103 anos e onde venho desenvolvendo projetos desde 1992 como professora de Língua Portuguesa e Literatura, e da oficina de Linguagem Teatral, área a qual me dedico desde 1995.

Trilhando essa história

Um dos preceitos da Instituição é o de manter alunos e professores envolvidos

com projetos de Extensão para a comunidade. Os projetos de arte, leitura e comunicação criados e desenvolvidos são alguns dos meios de fazer com que essa interação aconteça.

Passo a discorrer sobre eles.

O grupo Nós do Teatro

Teatro: várias personagens, muitas histórias. A magia de interpretar o lado mal e o bom das histórias mexe com o imaginário de alunos/atores do Grupo Nós do Teatro.

Programa criado em 1995, visando despertar no aluno um interesse maior pela aprendizagem da Língua Portuguesa e da Literatura Brasileira por meio da autoexpressão e da pesquisa e possibilitar um aprendizado mais prazeroso da Literatura Brasileira. A fundamentação inicial se deu de modo empírico a partir dos projetos realizados no ano de sua fundação, “Teatro na Escola” e “Literatura com Prazer”, geradores do Programa Nós do Teatro, uma atividade extracurricular.

A gente fez alguns projetos com textos dos próprios alunos e alguns textos de autores já conhecidos. O público que a gente busca muito é o das escolas, porque plateia é muito difícil de a gente ter uma que saiba assistir, ser espectador de teatro. (relato de uma integrante do grupo)

Desde a primeira montagem, uma adaptação do texto “Eu Gosto Tanto de Você” de Leila Rentroia Ianone, o programa desenvolve nos alunos a consciência cidadã de ser um agente social, propiciando o estímulo da autoexpressão e da relação interpessoal. Desta forma, inúmeros textos foram pesquisados, adaptados, escritos e levados ao palco para diversas plateias, inicialmente composta por alunos e professores da escola e, posteriormente para públicos diferenciados, nas apresentações externas realizadas pelo grupo, como trabalhadores de indústrias, profissionais administrativos de empresas, comunidade em geral .

Em 2004, realizei uma alteração significativa para o aprimoramento do Grupo Nós do Teatro, passamos a desenvolver trabalhos vinculados à Extensão da instituição, possibilitando que integrantes do grupo aplicassem seus conhecimentos na área artístico-cultural extra muros também. Em 2010, o programa passou a ser institucional, no sentido mais amplo, pois foi reconhecido como um programa que aplica os conhecimentos não só da Extensão, mas também da Pesquisa e do Ensino.

O Grupo, além de representar textos consagrados pela dramaturgia nacional e estrangeira, escreve seus próprios textos, como “Verso e Reverso” (2006/2007), “Estoriando Histórias” (2007/2008) e “O Presente conta o Passado” (2009). Também realiza a caracterização de personagens e a criação dos cenários e sonoplastia. Já produziu o FESQUIFF – Festival de Esquetes do IFF - em 2009 e 2012 e o ENTRENÓS 2011

– Encontro de Teatro do Grupo Nós do Teatro.

Apoiado pela instituição, realiza viagens culturais e para apresentações. Participou de festivais, como o Criação Teatral Volkswagen na cidade do Rio de Janeiro (2003), Festivais de Esquetes do SESC Campos/RJ (2008-2011), Festivais de Esquetes de Verão de São João da Barra/RJ (2008-2010), IV Festival Nacional de Teatro de Rio das Ostras/RJ (2008), Festival de Esquetes de Araruama/RJ (2005), Festival de Teatro Infantil em Rio Bonito/RJ (2009), Festivais Estudantis de Teatro de Campos/RJ (2009/2011) e Festival Aberto de Teatro de Campos dos Goytacazes (2011), nos quais obteve mais de dez prêmios nas diversas modalidades.

Em 2012, o Grupo apresentou a peça “Entrelaces” de Carola Saavedra no II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica em Florianópolis/SC; produziu, em agosto, o II FESQUIFF (Festival Nacional de Esquetes do IFF), também apresentando a peça “Ao Mar!” de Edson D’Santanna e está elaborando um novo texto de teatro baseado no livro “Histórias Íntimas” da historiadora Mary Del Priore.

Já foram produzidas trinta e duas peças (novamente este número) ao longo destes dezessete anos, contando com a participação de cerca de trezentos jovens que se uniram para celebrar a arte e a ciência; o sonho e a realidade; o encantamento e a decepção; a miséria e a honestidade; o encontro e a despedida; enfim, a vida. Cada um se tornou um nó desse “Nós do Teatro”.

Criei três projetos associados ao programa Grupo Nós do Teatro: na área de leitura, o “Leitura orientada: uma prática comunitária” (2006-2010); na de comunicação e uso das tecnologias por meio da Arte Teatral, “Radionovela na web: a tecnologia a serviço da Arte” (2007-2009) e, na área de produção cultural, “Pensando e produzindo a cultura no IFF” (2011-2012).

A partir do Grupo é que os projetos foram ocorrendo com o apoio de bolsistas, componentes do Grupo ou das oficinas de Linguagem Teatral, para se apresentarem em comunidades, em escolas, em centros culturais e teatros.

Projeto leitura orientada: uma prática comunitária - PROLEITOR (2006-2010)

Idealizei e desenvolvi este projeto de extensão, iniciado como piloto na IV Bienal do Livro de Campos dos Goytacazes/RJ em 2006. Sua aplicação efetiva ocorreu em vinte e oito escolas públicas deste município no período de 2007 a 2010, inspirado no ideário de uma educação voltada para a autonomia, para a ética, para a valorização da diversidade cultural e para a busca da identidade. Buscava realizar um aprendizado empírico dos licenciandos, futuros professores, e de integrantes do Grupo Nós do Teatro do então CEFET Campos, que poderiam, a partir dessa prática, atuar de modo mais eficaz em suas ações profissionais com um olhar social e humano. Nele, os monitores

de leitura, a maioria com participação no Grupo Nós do Teatro, utilizavam o ônibus da instituição com uma biblioteca montada no seu interior – Biblioteca Móvel –, contando com um acervo de mais de mil livros de Literatura infantil, infanto-juvenil e clássica. A partir desses textos, realizavam o trabalho de análise, leitura e dramatização, por parte deles e dos alunos das escolas visitadas, sob a orientação dos monitores, previamente preparados e orientados.

As atividades desenvolvidas se alicerçaram numa concepção humanística, com o intuito de contribuir na formação de pessoas criativas e inventivas, capazes de refletir, de descobrir, de ouvir o outro, de respeitar o diferente, de analisar situações e de buscar soluções.

A gente tenta mostrar o texto de uma forma diferente, encantadora, e pra isso a gente usa o teatro, porque às vezes eles vem da escola vendo texto como uma coisa chata, tendo que ler aquilo achando muito chato, então a gente tenta mostrar o outro lado. O lado da fantasia, do encantamento da leitura. A gente tem tudo para isso, atendendo a todas as idades. O teatro não tem idade e a leitura também não. (relato de uma integrante do Grupo Nós do Teatro e monitora do PROLEITOR)

Ao ler, o sujeito toma consciência da história, sua e do mundo. O leitor não descobre o mundo, mas um mundo, o seu; que ele poderá, com a leitura, recriar infinitas vezes. Isto é o que percebemos quando iniciamos nossa prática docente seguindo o ideário de Paulo Freire sobre o ato de ler. Cremos que ser um leitor competente é contribuir com o texto, saber olhar para o contexto, perceber a realidade a sua volta, vincular o lido e o vivido, exercitar a crítica, saber transformar a informação adquirida com a leitura em conhecimento, ser um agente transformador da realidade, isto é, aquele que está integrado criticamente na sociedade, participando ativamente de suas transformações. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (comunicado feito por Paulo Freire na abertura no Congresso Brasileiro de Leitura, Campinas, nov.1981). Para ele, não é possível ler textos sem contexto. O ato de ler, em qualquer fase da vida escolar e/ou pessoal parte da prática democrática e crítica da leitura do mundo e da palavra. O que se quer é a efetiva participação do povo enquanto sujeito na construção do país, pois quanto mais consciente o povo faça sua história, tanto mais perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente de sua libertação. Como Freire mesmo afirmara, no referido Congresso, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”.

O PROLEITOR, além de incentivar a leitura dos alunos que recebiam esse projeto nas escolas públicas, também incentivava os monitores de leitura, pois foi projetado com essas duas vertentes. Destaco ter sido um grande aprendizado para os integrantes do Grupo que eram monitores do projeto, tanto para o crescimento individual quanto para a melhoria de suas atuações no palco, visto que foram desenvolvendo dinamismo,

autonomia, liderança no fazer diário do PROLEITOR, no qual eram os orientadores, apoiados e orientados nos bastidores fase de preparação dos encontros para que pudessem atuar nos palcos – as escolas - com a plateia - cada dia um grupo de alunos, de um ano escolar e, de quinze em quinze dias, mudando de escola. A novidade era constante e a necessidade de adequação também.

Na primeira escola visitada pelo projeto, houve um impacto muito grande dos monitores. Na época estava sendo transmitida a telenovela “Vidas Opostas” na TV Record, cujo vilão, Jackson, interpretado pelo ator Heitor Martinez, era o mandante dos crimes, traficante cruel e, quando os monitores chegaram à escola pública estadual para realizar o trabalho perceberam que as crianças tinham como referência, como herói, o Jackson. Eles ficaram realmente apavorados e não sabiam como lidar com aquela situação. Fizemos vários encontros e discussões para que se pudesse encontrar com eles o melhor caminho para minimizar aquela influência negativa que as crianças estavam tendo naquele momento via programa televisivo, grande influenciador de comportamentos na sociedade brasileira. Diante desse impacto, os monitores começaram a ver, com clareza, que o projeto era algo muito sério, porque eles estariam lidando com valores culturais das crianças e jovens que participassem do projeto e, quando saíram dessa escola, já se sentiram fortalecidos e preparados para um novo desafio. Em outras escolas, eles perceberam alunos sem horizontes, sem sonhos e novos desafios foram enfrentados e vencidos. O trabalho foi eficaz, ao menos para uma das alunas que, tempos depois da realização do PROLEITOR em sua escola, se encontrou com uma monitora de leitura e lhe disse que iria fazer prova para o CEFET Campos, ou seja, a partir da ida do projeto a sua escola, ela havia percebido que um outro mundo estava a sua disposição e resolveu tentar seguir adiante, ter sonhos. Alguns alunos, durante a realização do projeto, começaram a se interessar em entrar no Grupo Nós do Teatro e isso também foi uma motivação a mais para eles. Temos até o exemplo de um deles que efetivamente entrou na instituição para ser parte do Grupo e hoje já integra o mais recente projeto: “Pensando e produzindo cultura no IFF”, criado em 2011. É uma troca o tempo todo.

Freire (1988, p. 23) cultivava o nexos escola/vida, respeitando o educando como sujeito da história e acreditando que as pessoas podem não ser letradas, mas todas estão imersas na cultura e, que, quando o educador consegue fazer a ponte entre a cultura dos alunos, se estabelece o diálogo para que novos conhecimentos sejam construídos. Sua convicção está em afirmar que ao se descobrir como produtor de cultura, os homens se veem como sujeitos e não como objetos da aprendizagem. A partir da leitura de mundo de cada educando, por meio de trocas dialógicas, constroem-se novos conhecimentos sobre leitura, escrita, cálculo. Vai-se do senso comum ao conhecimento científico num *continuum* de respeito. A educação, segundo Freire (1988, 24), deve ter, como objetivo maior, desvelar as relações opressivas vividas pelos homens, transformando-os para que eles transformem o mundo.

No PROLEITOR, nosso enfoque metodológico vinculado ao teatro foram os

pensamentos e práticas de Augusto Boal, que afirma ser a alfabetização teatral “necessária porque é uma forma de comunicação muito poderosa e útil nas transformações sociais” (BOAL, 1975, p.16). Seus ensinamentos e experiências muito auxiliaram na tarefa de interpretar o campo cultural e artístico que pode ser utilizado na educação de crianças e jovens, como prática de inclusão sociocultural nas escolas, trabalhando-se com as peças teatrais, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam:

O teatro promove oportunidades para que adolescentes e adultos conheçam, observem e confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, operando com um modo coletivo de produção de arte. Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano. (PCN, 2008, p.88)

A leitura de obras, sob a ótica da arte teatral, visava à compreensão de textos diferenciados, à ampliação do vocabulário e à prática de análise de textos, incentivando o uso de livros e a frequência a bibliotecas, desenvolvendo a expressão crítica dos participantes e o conhecimento de obras literárias e de seus autores, e preparando o futuro profissional formado na instituição para a aplicação de seus conhecimentos junto a comunidades de maior deficiência de acesso aos bens culturais e educacionais.

Este projeto buscou recuperar a qualidade da leitura e, ao mesmo tempo, repensar e alterar as funções do espaço pedagógico, entendendo ser a escola um espaço significativo de aprendizagem, meio estruturado e estruturante, lugar de experimentação, realização, confronto, conflito, êxito, aberta para o contexto social em que está inserida.

Ao longo de sua execução, foi avaliado positivamente pela coordenação, pelo público das escolas – alunos, professores, bibliotecários e diretores – e pelos alunos/monitores:

Nosso trabalho teve as metas alcançadas, pois os alunos tiveram um contato maior com a leitura e com o teatro, a ponto de um dos alunos se sentir motivado a ingressar em uma escola de teatro. O incentivo à leitura ocorreu pela liberdade que ambas as partes (monitores de leitura e alunos) se permitiram. Acreditamos no nosso trabalho, pois o fazemos com amor e dedicação. (Relato 1)

Acreditamos que não apenas incentivamos a leitura, mas alimentamos sonhos. Os alunos começaram a crer que sonhos podem ser realizados mesmo quando parecem impossíveis. Houve, com certeza, um amadurecimento de nossa parte através da convivência, aumentando as nossas expectativas em relação ao projeto. (Relato 2)

Com o passar do tempo fomos adquirindo o respeito e a confiança das crianças e dos jovens. E com a nossa arte de interpretar demos

vida às histórias contidas nos livros e assim ressaltamos o valor da união do teatro com a leitura. (Relato 3)

O nosso trabalho contou com a interação deles (os alunos) que, sempre que solicitados, participavam. Ao lermos os textos, fazíamos com que eles refletissem sobre a história e, sempre que possível, criávamos uma conexão com o cotidiano deles, para assim tornar o texto lido mais interessante. (Relato 4)

Encontramos várias crianças nas séries mais avançadas que não sabiam ler nem escrever ou eram analfabetas funcionais: decifravam o código, mas não entendiam o que estava escrito. Com essas crianças, ajudamos a entender a história através das ilustrações contidas nos livros. (Relato 5)

Não levamos apenas um ônibus contendo muitos livros, levamos arte, pois em todas as histórias que ali demonstramos, tentávamos fazer com que elas se transformassem em espetáculo teatral e, com isso, os sonhos foram bastante cultivados e a vida ressaltada. Os livros passaram a ser mais conhecidos e admirados por aquelas crianças. (Relato 6)

Radionovela na web: a tecnologia a serviço da arte (2007- 2009)

A finalidade seria executar música para os servidores poderem se distrair e incentivar o uso da radionovela. (depoimento de um bolsista de extensão do projeto)

Pelas ondas do rádio, nos palcos, seja aonde for, o importante para esses alunos atores é encontrar em todos os espaços um meio de possibilitar ao seu público o conhecimento da arte de interpretar para ampliar os conhecimentos. O curso de Especialização em Arteduca: Arte e Educação e Tecnologias Contemporâneas, no formato a distância, realizado na Universidade de Brasília - UnB (2006-2007), fomentou a criação deste projeto, que obteve o mesmo nome dado ao trabalho de conclusão de curso. Dentre outros objetivos, seria possível, com ele, oferecer aos estudantes do CEFET Campos a compreensão de que a rádio pode ser um espaço de desenvolvimento social: como espaço de construção e veiculação de conhecimentos; de manifestações diversas; um laboratório de experimentos em conhecimento; um propagador de conhecimentos livres da sociedade. Idealizei, assim, criar uma radionovela para a web radio já existente no CEFET Campos, cuja programação contava apenas com execuções musicais. O princípio interdisciplinar dessa atividade baseava-se na arte como foco, no teatro como eixo norteador e na web rádio (tecnologia contemporânea) como tema. Parti da premissa de que se os recursos tecnológicos existentes na escola fossem utilizados por meio da linguagem do teatro e propus que a web rádio fosse o veículo de

comunicação utilizado, prevendo a elaboração de roteiros para radionovelas, criando textos baseados em atender às exigências dos conteúdos programáticos ou da livre criação dos alunos. Desta forma estaria utilizando pedagogicamente as tecnologias de informação e comunicação (TICs) na prática educativa escolar, veiculando a produção artística dos alunos como: roteiros para radionovelas, poemas, entrevistas, músicas, dicas culturais, eventos e outros. O Projeto embasava-se, pois, na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky devido à convicção de que o processo ensino-aprendizagem inclui sempre: aquele que aprende; aquele que ensina e a relação entre essas pessoas. A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Inspirada na distinção de Vygotsky (apud OLIVEIRA, 2000, p.29) em dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos, defini que o teatro e a web rádio entrariam como processos básicos para o trabalho. Segundo ele, é o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas. No trabalho desenvolve-se, por um lado a atividade e, portanto, as relações sociais, e, por outro lado, a criação e utilização de instrumentos (apud OLIVEIRA, 2000, p.29).

Meu propósito de possibilitar mais um meio de expressão artística para os componentes do Grupo Nós do Teatro estava, desta forma, se concretizando mais uma vez. Trouxe de volta o romantismo saudosista da radionovela dos tempos de meus avós e pais para as gerações do presente e do futuro por acreditar ser uma expressão inesgotável de criação e que possibilita às novas gerações mais uma forma de comunicação com o universo cultural de nosso país. Seguindo a proposta de trabalho da oficina de Linguagem Teatral daquele ano que fora voltado para a identidade cultural de Campos dos Goytacazes, adaptei de Waldir Carvalho o texto “A Roda dos Expostos”, forte narrativa de situação vivida até início do século XX na cidade, para quatro capítulos, hoje acessados somente pelo *you tube*.

A web rádio foi desativada em 2009, causando espanto e pesar, visto que os atores, bolsistas e eu, estávamos nos dedicando com bastante afinco ao projeto, visando até ampliá-lo. Nele, os atores reviveram momentos marcantes do passado recente de Campos dos Goytacazes, resgatando costumes e tradições campistas por meio da radionovela. Com ele, os bolsistas e os ouvintes puderam também conhecer a história da rádio no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro e em Campos dos Goytacazes. A partir dele, pude ampliar o potencial artístico dos componentes do Grupo Nós do Teatro. Essa pesquisa cultural realizada pelos bolsistas do projeto chegou a ser apresentada em eventos internos, num encontro estadual da União Nacional de Estudantes (UNE) na cidade do Rio de Janeiro e, a convite, na própria UnB em 2009.

Pensando e produzindo cultura no IFF (2011-2012)

Como sigo no caminho que possa confirmar Paulo Freire quando afirma que “um dos saberes fundamentais à minha prática educativo - crítica é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2004, p.88) segui, mesmo diante das adversidades enfrentadas no interior da instituição por um período. Quando os ventos começaram a soprar de forma alvissareira, promovendo espaços de sonhos e realizações, a partir de abril de 2010, foi criada a coordenação de cultura a qual fui convidada a gerir.

Mediante este novo desafio, em 2011, incumbi-me do aprimoramento pessoal e busquei conhecimentos técnicos na oficina “O Averso da Cena”, ministrado por Rômulo Avelar, gestor cultural do Grupo Galpão de Belo Horizonte/MG, e em outros cursos livres e seminários cujos temas fossem a produção e a gestão cultural, áreas que exercia de forma empírica, contabilizando algumas vitórias, é certo, mas sem consistência teórica necessária. Alguns colegas que atuam ministrando aulas de Artes na instituição também começaram a se capacitar nessa área, diante de meu entusiasmo. Passei a frequentar quinzenalmente o 10º Seminário Permanente de Políticas Públicas do Estado do Rio de Janeiro, realizado pela COMCULTURA (Comissão Estadual de Gestores de Cultura/RJ) em parceria com UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), no período de agosto a novembro de 2011 e, a partir de todo o conhecimento adquirido e compartilhado nesse seminário, passo a exercer minha atividade com mais consistência teórica e mais eficiência.

Nessa busca pelo conhecimento, vislumbrei a necessidade de também ampliar os horizontes dos integrantes do Grupo Nós do Teatro, que vinham ao longo dos anos me auxiliando nessa empreitada voluntariamente. Conseguimos, junto com a direção do *campus* criar a bolsa cultura, que auxilia alunos, componentes ou não do Grupo, a dedicarem vinte horas de sua semana ao trabalho de produzir cultura em suas várias demandas institucionais que aumentam cada vez mais. Os quatro bolsistas de produção cultural puderam participar do II Seminário Internacional de Políticas Culturais, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa na cidade do Rio de Janeiro, no período de 21 a 23 de setembro de 2011, visto que, se o trabalho deles tinha como objetivo promover intervenções na sociedade por meio da cultura, seria importante que conhecessem a realidade das políticas culturais como elemento de transformação da sociedade do mundo contemporâneo.

O seminário, para mim, foi uma experiência extremamente enriquecedora, e serviu para provar e exemplificar como o homem pode intervir de maneira incisiva e decisiva na comunidade da qual faz parte. Como o homem pode contribuir para o desenvolvimento humano, e até mesmo salvar vidas e devolver a esperança. Através de políticas culturais bem estruturadas e aplicadas com competência, o conhecimento e o saber, juntamente

com seus poderes transformadores, não ficam estagnados ou restritos a poucos, mas podem edificar. (Depoimento de um bolsista de produção cultural)

... viagem em que obtive mais conhecimento visto que o foco era puramente O CONHECIMENTO para o amadurecimento para a Produção Cultural no IFF. (Depoimento de outro bolsista de produção cultural)

Em 2011, lançamos o blog <http://nosdoteatro.wordpress.com> e estamos no *facebook* e no *twitter* para podermos ter mais canais de comunicação tanto entre os atuais integrantes do Grupo Nós do Teatro quanto com os antigos, a comunidade em geral e os grupos que promovem cultura no país e no mundo.

Em 2012, meta principal da produção e do Grupo foi a de organizar e realizar o II Festival Nacional de Esquetes do IFF no mês de agosto, contando com oficinas e apresentações teatrais, bem como a palestra de encerramento com a Dr^a. Lia Calabre, já citada anteriormente, que discorreu sobre as Políticas Culturais e o Plano Nacional de Cultura. Outra atividade a ser realizada é a II Mostra Musical do IFF, dando continuidade ao trabalho desenvolvido em 2011 na 1^a Mostra. Nesta Mostra, pretendemos ampliar para a participação de músicos de todos os *campi* do IFF, possibilitando maior visibilidade dos talentos musicais da instituição.

O desejo da equipe gestora e dos profissionais de todas as áreas é que o IFF possibilite, integralmente, a formação dos estudantes que ali permanecem por, no mínimo, dois anos. Nossos projetos futuros na área de Arte e Cultura são muitos, principalmente os ligados ao setor de ensino, como o de implantar cursos de tecnólogo em Produção Cultural, licenciatura em Artes e pós-graduação em Arte Educação para os quais já existe o apoio dos gestores e de diversos colegas.

Resultados e discussão

Os projetos extensionistas e institucionais de Arte e Cultura desenvolvidos ao longo desse período tiveram momentos de efetivo êxito quanto mais apoio institucional se fez presente, no entanto o oposto não ocorreu quando o apoio arrefeceu. Em casos como a manutenção do Grupo Nós do Teatro, nenhum obstáculo se interpôs diante de nosso propósito firme de manter vivo o teatro no IFF. Contudo, os projetos mais extensionistas, como o da radionovela na web, que dependia de parceiros internamente e de material a ser disponibilizado, e o do PROLEITOR, que, por exemplo, precisava de manutenção do ônibus que levava os livros do Projeto, que, por dois anos, funcionou com os monitores transportando-os em malas de viagem, bem como de uma manifestação mais efetiva da comunidade escolar atendida, não ocorreram. Por isso ambos foram suspensos.

Destaco, no entanto, que todos os projetos envolveram um quantitativo significativo de pessoas. O PROLEITOR contou com a participação de treze monitores no atendimento à vinte e oito escolas públicas de Campos dos Goytacazes, atendendo a uma média de trezentos alunos por escola, e mais alguns professores e diretores que fizeram parte do projeto; no projeto da radionovela na web rádio, houve o envolvimento de dois técnicos administrativos, dois professores, três bolsistas e dez componentes do Grupo Nós do Teatro.

O projeto em andamento, Pensando e produzindo Cultura, tem envolvido todo o Grupo, além dos quatro bolsistas de produção cultural. O programa institucional, Nós do Teatro, envolve profissionais que prestam serviços na área técnica do teatro: marceneiros, pintores e outros profissionais da própria instituição; o número de componentes do Grupo, já ultrapassa o total de trezentos ao todo. No período 2008 - 2011, cerca de 40, além de todos os que compuseram nosso público em espaços culturais, teatros, escolas e na própria instituição.

Selecionei relatos de algumas pessoas envolvidas nos projetos relacionados como parte da comprovação empírica de que estes projetos tiveram e tem alcance cultural. A meu ver, embora o Programa Nós do Teatro e os projetos de leitura e de radionovela tenham tido por base a arte teatral como instrumento do processo ensino-aprendizagem de leitura e literatura, no decorrer dos estudos e das atividades realizadas foi se transformando e todas as atividades por mim desenvolvidas na instituição passaram a ter a visão da Arte como área de conhecimento, evidência da importância fundante da Arte e da Cultura no meio acadêmico e não simplesmente como instrumento de educação ou apêndice dentro da atividade escolar, como ainda se observa em diversas unidades escolares.

Conclusão e recomendação

Existe, no trabalho com a Arte e a Cultura desenvolvido no IFF/Campos dos Goytacazes - Centro, um compromisso ético com a emancipação das pessoas? De que forma as ações de Arte e Cultura do IFF contribuem para o crescimento e a realização de alunos/servidores fundamentando uma educação humanística? Esse é meu objeto de pesquisa e para tal registrei um programa relevante e três projetos vinculados a ele, todos executados na área artístico cultural do *Campus* Campos Centro/IFF. Recortei o período compreendido a partir da transformação do CEFET Campos em IFF, de 2008 a 2011, apresentando, no entanto, seus antecedentes. Para isso descrevi o programa Grupo Nós do Teatro com dezessete anos de existência e os projetos extensionistas e institucionais de Arte e Cultura: *Projeto leitura orientada – uma prática comunitária; Radionovela na web: a tecnologia a serviço da Arte e Pensando e produzindo Cultura no IFF*. Apresentei o quantitativo de pessoas envolvidas nestes projetos no período delimitado:

bolsistas/monitores, professores, servidores, alunos do IFF, professores e alunos de escolas públicas de Campos dos Goytacazes, visitantes dos espaços culturais, dentre outros, e alguns relatos de pessoas envolvidas nos projetos relacionados.

Apresento, para reflexão, o artigo XXVII, da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948):

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

Parti da premissa de que grande parte da vida do brasileiro que tem acesso à escolaridade, tem como *locus* a escola, e compreendo, por um raciocínio lógico, que é necessário adotar estratégias que visem à conservação, ao desenvolvimento e à difusão da Cultura nesse ambiente, possibilitando a todos o direito à participação na vida cultural.

Evidenciar a preocupação dos gestores escolares com a universalização do acesso aos bens culturais, até então restrito às classes privilegiadas, deve ser uma prática comum, principalmente nas escolas da rede pública e vários são os tratados que preveem este acesso.

A UNESCO, na Recomendação sobre a Participação dos Povos na Vida Cultural (1976), definiu acerca da forma mais precisa de acesso à cultura, recomendando que a participação pode ser em duas dimensões, a ativa e a passiva. Aquela é a participação enquanto direito à livre criação, em que possa livremente obter informação, treinamento, conhecimento e discernimento, e para usufruir dos valores culturais e da propriedade cultural; enquanto a passiva é o direito à fruição, com a garantia de oportunidades concretas para todos – grupos e indivíduos - para que possam expressar-se livremente, comunicar, atuar e engajar-se na criação de atividades, com vistas ao completo desenvolvimento de suas personalidades, a uma vida harmônica e ao progresso cultural da sociedade.

O efetivo exercício do direito à participação na vida cultural pressupõe a generalização da educação artística e científica, bem como o apoio aos indivíduos, grupos e instituições dedicados ao fazer artístico e intelectual. A esse respeito, a Recomendação sobre o Status do Artista (1980) convoca expressamente os governos dos Estados Membros a “...ajudar a criar e sustentar não apenas um clima de encorajamento à liberdade de expressão artística, mas também as condições materiais que facilitem o aparecimento de talentos criativos”.

A meta 12 do Plano Nacional de Cultura – PNC (dez. 2011) aponta para a universalização da cultura e o estímulo à presença da Arte e da Cultura no ambiente educacional: “100% das escolas públicas de educação básica com a disciplina de Arte no currículo escolar regular com ênfase em cultura brasileira, linguagens artísticas e patrimônio cultural” (PNC, 2011). Grandes desafios, como a ampliação de 50% no

número de bibliotecas públicas e museus pelo país; fazer com que o brasileiro leia em média quatro livros por ano, além dos livros escolares e que a Arte seja uma disciplina no currículo do ensino básico das escolas públicas, são apontados no PNC e destacados pelo secretário de Políticas Culturais do Ministério de Cultura, Sérgio Mamberti, em entrevista³. Segundo ele, o PNC faz com que a cultura tenha uma política de Estado e afirma que o Ministério de Cultura – MinC - vem trabalhando a cultura sobre três eixos: o da criação; o da inclusão, a cultura como um direito garantido, e o da economia da cultura. Segundo Mamberti, a “Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais” da UNESCO, realizada em 2005 e da qual o Brasil é signatário e a referenda no Decreto Legislativo 485/2006, prevê que “a cultura seja vista como um eixo central de um projeto de desenvolvimento que leve em conta o ser humano” (2005).

Convencida de que as atividades, bens e serviços culturais possuem dupla natureza, tanto econômica quanto cultural, uma vez que são portadores de identidades, valores e significados, não devendo, portanto, ser tratados como se tivessem valor meramente comercial. (DECRETO LEGISLATIVO, 2006)

No artigo 10 – Educação e Conscientização Pública, define que as partes devem:

- a) propiciar e desenvolver a compreensão da importância da proteção e
- b) promoção da diversidade das expressões culturais, por intermédio, entre outros, de programas de educação e maior sensibilização do público;
- c) cooperar com outras Partes e organizações regionais e internacionais para alcançar o objetivo do presente artigo;
- d) esforçar-se por incentivar a criatividade e fortalecer as capacidades de produção, mediante o estabelecimento de programas de educação, treinamento e intercâmbio na área das indústrias culturais. Tais medidas deverão ser aplicadas de modo a não terem impacto negativo sobre as formas tradicionais de produção.

Do Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020, é possível observar que, somente na meta 7, de obtenção de um desempenho melhor do aluno no IDEB para os próximos anos, a Arte e a Cultura aparecem com ênfase com o objetivo de:

Assegurar, a todas as escolas públicas de educação básica,(...) acesso a bibliotecas; acesso a espaços para prática de esportes; acesso a bens culturais e à arte; e equipamentos e laboratórios de ciências. (PNE, 2011: item 19)

Promover a articulação dos programas da área da educação, de

³ Concedida a NBR em 30/12/2011 <http://www.cultura.gov.br/site/2011/12/30/desafios-do-plano-nacional-de-cultura>. Acesso em: 22 fev. 2012

âmbito local e nacional, com os de outras áreas como (...) cultura, possibilitando a criação de uma rede de apoio integral às famílias, que as ajude a garantir melhores condições para o aprendizado dos estudantes. (PNE, 2011: item 21)

Numa leitura ainda incipiente, me parece que o PNE, 2011 contempla a Arte e a Cultura nas escolas públicas com a finalidade de aumentar o índice na Educação Básica, ou seja, pela valorização quantitativa, antes da qualitativa e, observa-se, empiricamente, que os meios eficazes para se alcançarem tais metas ainda estão muito longe de serem implementados pelos governos em todos os seus níveis.

Tal observação conduz à reflexão sobre o caminho a ser trilhado nessa busca incessante pela valorização da Arte e da Cultura no ambiente escolar, mesmo dentro do IFF, hoje com quase dez campi implantados e/ou em processo de implantação, com necessidades diversas para contemplar. Posso apenas reafirmar que, como professora e estando como coordenadora de Arte e Cultura e membro da Câmara de Arte e Cultura do IFF, estarei na luta pela valorização da Arte e da Cultura em todos os *campi* do IFF, reafirmando meu compromisso de sensibilizar os estudantes para sua efetiva e completa participação na vida artística e cultural desse país, apoiada tanto no PNE, quanto nas metas do PNC para alcançar êxito neste cometimento.

Referências

ALVES, Rubem. *Educação para os sentidos e mais...* 1 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

BRASIL. *Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases, Lei Darcy Ribeiro: A Constituição da Educação Brasileira*, 1996.

_____. *Diretrizes Nacionais para a Organização Curricular do Ensino Médio*. Ministério da Educação e do Desporto, Conselho Nacional de Educação, Brasília, 1988.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Brasília, 1999.

_____. *Lei nº 8.035, Plano Nacional de Educação*. Ministério da Educação e Desporto, Brasília, 2010.

BRASIL. *Lei nº 12.343, Plano Nacional de Cultura*. Secretaria de Políticas Culturais, Ministério da Cultura, 2010.

_____. Ministério da Cultura. *Metas do plano nacional de cultura*. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/12/Vers%C3%A3o_

Final_MetasPNC.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2012.

CALABRE, Lia. *Políticas culturais: teoria e práxis*. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. Disponível em: <<http://www2.tjce.jus.br:8080/dike/wp-content/uploads/2010/11/Estenio-Raulino.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2012

CAVALCANTE, José Estênio Raulino. *Direitos culturais e direitos humanos: uma leitura à luz dos tratados internacionais e da constituição federal*. “Recomendação sobre a Participação dos Povos na Vida Cultural (1976), a Recomendação sobre o Status do Artista (1980)”.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

MACHADO, Bernardo Novais da Mata. *Uma política cultural para as artes: para além do fomento à produção e ao consumo*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., 2011, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FCRB, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kolh. *VYGOTSKY: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Ed. Scipione, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Editora LTDA, 1989.

Artigo recebido em: 31 jul. 2012
Aceito para publicação em: 30 ago. 2012